

EVERETT, D. L. *Don't Sleep, there are snakes: Life and language in the Amazonian jungle*. New York: Vintage Books, 2009, p. 300.

Às margens do rio Maici, que por sua vez é um afluente do Marmelos, que é afluente do Madeira, que é um afluente do Amazonas mora um grupo de semi-nômades cuja língua é a última sobrevivente da família lingüística mura. Ali meio da selva, a meio caminho entre Humaitá e Manicoré, a 200 quilômetros ao norte da Transamazônica, no meio do verde e do quase-nada, ali estão os Pirahã ou Pirarrã (pee-da-HAN), algumas centenas de aborígenes muito singulares, que mereceram a atenção de um estudioso de línguas durante mais de 30 anos. O americano Daniel L. Everett, doutor pela Unicamp com a tese *A língua pirahã e a teoria da sintaxe: descrição, perspectivas e teoria* (1992), agora professor na Universidade Estadual de Illinois, escreveu um livro fascinante onde apresenta, além da língua singular dos Pirarrã, as suas principais características culturais que fazem dos mesmos uma fenomenologia antropológica única. A língua nos Pirarrã não se vincula a língua original amazônica alguma – jê, tronco tupi-guarani ou mesmo as línguas andinas – e por sua vez transpira aspectos culturais originais: ausência de sistema de contagem, de termos para cores, palavras para as atividades da guerra ou da propriedade privada. Everett por sua vez publicou já diversos artigos sobre esta língua e cultura passando a ser um especialista no assunto. Considera-se que Daniel e Keren, sua esposa, sejam os únicos que falam a língua dos Pirarrã, além deles mesmos.¹

Everett apresenta a vida e a cultura dos Pirahã a partir das observações *in situ* ao longo de anos – com presença mais ou menos contínua desde 1977 até 2005 – e no processo de aprendizagem da língua com seus muitos *mestres* locais. Algo que para um estudioso da cultura certamente chama a

¹ Rita Loiola apresenta uma síntese do pensamento de Everett no que diz respeito às características da língua dos pirarrã e o questionamento que ela levanta para as principais teorias da linguagem, especialmente a de Chomsky. Cf. R. LOIOLA, 1+2=2-1+2 bastante – bastante + bastante = bastante. *Superinteressante*, 2007, 245.

atenção é a quase total – se não, total – ausência de ritos e de algum elemento que remeta à memória. As construções das casas são de uma simplicidade extrema, o nascimento e a morte e outros eventuais acontecimentos da vida passam praticamente despercebidos e o estilo de vida é rudimentar de semi-nômades.

A sua cultura está entre as mais simples, diz Everett. *Eles produzem poucos instrumentos, quase nada de artes e muito poucos artefatos* (73). Everett chama a atenção que o objeto mais sofisticado seria o conjunto arco e a flecha. No mais, eles não produzem nada que seja duradouro; se precisam de algo, fazem na hora. Uma vez usado, deixam de lado. Dois aspectos chamam a atenção do visitante: a quase ausência de sono e a vida relacionada ao imediato. Quais os efeitos da ausência ou de uma presença bastante limitada do sono? É algo que o autor não discute, mas que provavelmente é o que enseja a presença da segunda atitude, isto é, vive-se praticamente numa vigília constante e com isto não importa nem o que passou e nem o que virá.² Se têm fome, pesca-se ou vai-se à caça; como não há rituais mais sofisticados, não se tem também nem uma divisão clara de tempos qualitativamente diversos. Em termos de divisão das atividades práticas a que mais chama a atenção é a caça mais vinculada aos homens e a coleta, cultivo e colheita de raízes mais reservada às mulheres. O cuidado com as crianças é compartilhado na família, isto é, tanto o pai como a mãe exercem esta função.

Os pirarrã são *pacíficos* e não se presencia agressões nem para com os de fora nem internamente. São solidários, e se alguém, por algum motivo se perde na floresta, todos na aldeia vão em busca do mesmo, independentemente dos vínculos parentais. As crianças são educadas para a absoluta autonomia. Enquanto a criança está amamentando ou nesta faixa etária, a responsável por ela é a mãe ou o pai, mas assim que acontece o desmame ela passa a ser vista e tida como autônoma e tem que se virar em tudo. Não há processos de *papricagem*: se uma criança se queima, se fere ou se machuca com uma queda irresponsável, a mãe ou o pai ou qualquer adulto, além de eventualmente agir com energia, não faz absolutamente nada pela criança. Ela deve aprender por si e da experiência.

Isto pode ser vista com testemunho do autor: uma mulher em processo de parto junto ao rio, grita a tarde toda até

² A antropologia da noite é um vazio dos estudos da cultura e ainda menos a temática do sono, ainda que muitos fenômenos culturais ocorram à noite. Algo neste sentido foi iniciado por uma equipe de estudiosos franceses. Cf. J. GALINIER et al. *Anthropology of night: cross-disciplinary investigations. CURRENT ANTHROPOLOGY*, (2010), 51(6), p. 819-847.

morrer – ela e a criança – sem que ninguém lhe dê auxílio; quem deveria ajudar seria a mãe da parturiente que estava ausente. A mãe de uma criança após certo tempo de adoecimento, vem a óbito. O filho, já bem frágil, recebe o veredicto dos demais membros da aldeia: ‘ele deve morrer’. Everett e sua mulher, após muito lutar conseguem revigorar a criança, mas num momento em que se ausentam da casa, os parentes entopem a criança com bebida alcoólica e a criança morre. É claro que eles se ajudam entre si em situações de necessidade, mas isto é feito dentro de uma ‘arquitetura’ de responsabilidade (101). É claro que estas experiências chocantes para os de fora, dificilmente são compreensíveis sem os referenciais antropológicos dos próprios pirarrã.

Um dos traços que alguém de fora logo percebe, segundo Everett, é a relativa facilidade e mesmo felicidade com que eles se relacionam entre si e com os de fora: sorriem, fazem festa, deixam o que estão fazendo e vão ao encontro dos que chegam. *Os pais e as crianças são abertamente carinhosos entre si – abraçam-se, tocam-se, riem, sorriem uns para os outros, brincam juntos, conversam entre si.* Em termos de progresso, não se percebe entre eles interesse por mudanças, pelo menos não em termos de alterações rápidas e radicais: quando se está satisfeito com o que se é e se tem, por quê mudar? É claro que é uma visão simplista, uma vez que outros fatores podem estar implicados, como veremos adiante. Para um estrangeiro, o clima e o ambiente é mesmo de paraíso.

O autor chama a atenção para uma certa ausência de rituais *as such*, que teriam por objetivo criar uma rede de relações significativas e de organização simbólica do mundo e das relações entre as pessoas. Neste sentido Everett reconhece que os pirarrã não têm uma proposta ritualística formulada e codificada *em vez disto, os valores e as informações são transmitidos através das ações e das palavras* via testemunho. *Assim, uma ‘literatura’ oral e de rituais não tem aqui espaço algum* (84). Everett discute ainda os modelos de compreensão das culturas *outras* a partir de projeções da compreensão que temos da nossa. Um destes aspectos é a questão do *poder*. Afinal, quem manda? Quem é o chefe? Entre os pirarrã não temos polícia, tribunais e nem chefes; não do tipo dos nossos. *As principais formas de coerção são o ostracismo e os espíritos. O ostracismo pode ser pelo isolamento ou pela exclusão da partilha de alimentos. Quanto aos espíritos – ka-*

oáibógí – são eles que dizem – tanto para o indivíduo isoladamente quanto para o grupo – o que deve ou não deve ser feito, desde a caça, a pesca ou outras atividades qualquer. Assim são também eles que *castigam*, se for o caso.

Uma das coisas que os pirarrã gostavam de pedir a Everett era o dia em que o avião chegaria; eles ficavam fascinados com a ‘magia’ da previsão e especialmente do uso de *número* para dizer o dia (em dois dias, por exemplo).³ Os pirarrã não têm um sistema numérico nem mesmo do tipo um, dois, muitos. A sua cosmologia parece organizar-se na forma de estratos: mundo superior, mundo inferior e mundo do meio todos eles interligados de um modo um tanto misterioso. A questão do *número* acabou por ser algo fascinante para o casal Daniel e Keren. Os pirarrã queriam aprender a contar, em vista de terem de vez em quando que lidar com dinheiro com os *brasileiros* e não queriam ser enganados. Mas ao longo de quase um ano o casal, contando até com um vivo entusiasmo da parte deles, tentou ensinar aos Pirrarã a contar e no fim das contas ninguém deles aprendeu a contar até dez e muito menos somar $3 + 1$ ou mesmo $1 + 1$. Para Everett a principal causa seria algo mais geral que é a absoluta resistência a aprender algo dos brasileiros, dos americanos ou dos de fora, em geral. Indiretamente, não se pode, do ponto de vista psicofisiológico, desconsiderar a dificuldade de aprendizagem com a ausência de um sono mais prolongado, mencionado acima.⁴

Um exemplo da *psicologia* ou do funcionamento do psiquismo dos pirrarã é como os mesmos consideram o sonho (*xaipípai*). Em resumo, para eles, este é um fenômeno que acontece na cabeça quando se dorme. Mas temos um senão: *o sonho pode ser classificado como uma experiência real. Você é testemunha ocular em seus sonhos. O sonho não é uma ficção para os pirrarã* (p. 131). Ainda que eles considerem que o modo de se ver as coisas em vigília em no sono seja diferente, eles vêm ambos como experiência do real. Por outro lado, tanto no sonho como na narrativa do sonho, a experiência é *contada cantada*.

Relacionado com isto temos a experiência de *xibipíio* – que em termos aproximativos Everett chama de *experiência imediata*. Eles lidam com estas experiências *liminares*, senão tendo as mesmas características, pelo menos como sendo muito próximas, compreende-se que o mundo para eles seja meio *religioso*, isto é, habitado por espíritos e crenças *mas com influência direta na experiência cotidiana*. Com isto conclui-se que *se o sonho com um espírito pode resolver os meus problemas e meu sonho não é diferente de minha obser-*

³ A atividade original de Daniel Everett com a sua esposa e filhos era fundamentalmente de evangelização. Junto às margens do rio fora construída uma pista de pouso para pequenos aviões de apoio que vinham de Porto Velho e que traziam eventuais suprimentos para a família.

⁴ A tese do autor, entretanto, vai na direção de que esta incapacidade de aprender estaria limitada pelo fato de ser abstrata e não relacionar-se diretamente à experiência (os números são abstrações) mas a processos de classificações categoriais (p. 131).

vação consciente, então este espírito está no íntimo das relações de minha experiência imediata, meu xibipíio.

A conclusão final dos estudos de Everett quanto à linguagem, à forma de pensar e de relacionar-se com o mundo entre os pirrarã pode ser resumida em seus termos: *As narrativas declarativas dos pirrarã contêm somente afirmações relacionadas diretamente ao momento da fala, seja ela experienciada pelo que fala ou testemunhada por outro ser humano vivo durante o tempo de vida do que fala. Em outros termos, os pirrarã somente afirmam coisas que se ancorem no momento em que eles estão falando e não num outro horizonte de tempo qualquer.* É muito raro alguém falar de experiências ou de falas de alguém que já morreu; e se o fazem, isto o corre devido a um testemunho pessoal de quem fala.

Esta *mentalidade* explica a quase absoluta ausência de uma história, de narrativas de criação e de folclores. Não encontramos entre eles mitos neste sentido. Entretanto, como Everett mesmo apresenta, eles contam histórias de suas experiências e seriam os seus *mitos*: a mulher que morre junto ao rio em dores de parto, o caso da caçada da onça etc. Por outro lado, apesar de não lidarem com a idéia de um Deus criador, supremo etc. eles convivem com *espíritos*. Eles os vêem regularmente; praticamente estão imersos num mundo de espíritos: *eles são como que entidades que dão a forma das coisas do meio ambiente. Assim a onça, as árvores, tudo tem lá seus espíritos.* Eles podem causar o bem-estar ou as doenças: pisar numa folha pode levar a adoecer por uma relação misteriosa com algum espírito. Em resumo, tudo e todos estão no campo do *kapioxiai* (mais genérico) ou *kaoóibogí* (mais vinculado às coisas boas e más) e o *xíobiisi* (espírito do sangue e das veias).

Everett levanta a certa altura, a efetiva dificuldade de um intercâmbio cultural ou religioso entre os pirrarã e outras *literaturas* (Bíblia, Alcorão ou Vedas etc.). Para ele, esta literatura não pode ser traduzida ou discutida por eles por que *são histórias sem um testemunha ocular.* E isto explicaria a influência praticamente nula das atividades missionárias em mais de um século, na vida deles.

A segunda parte da obra lida com aspectos precipuamente voltados à linguagem e suas singularidades. Na realidade, apesar da primeira abordagem dos Pirrarã ter sido em função de atividades missionárias, por motivos vários, ela passou a ser um longo e cansativo estudo de sua língua. Num primeiro momento o que chama a atenção, **em termos culturais, é a** ausência de alguns aspectos que julgamos interessantes: no-

mes e números. Mas, como reconhece Everett, muitas vezes queremos ver no outro o que temos e somos. Dado que não havia dicionário e nada escrito sobre esta língua, tudo partiu da estaca zero. Em resumo, para o que nos interessa aqui nesta apresentação, a língua dos pirrarã tem três vogais e oito consoantes, e a complexidade está no tipo de entonação e mesmo musicalidade da língua.

No que tange à gramática, Everett chama a atenção que antes de tudo uma língua está imersa numa cultura. *A cultura nos guia no significado que percebemos no mundo ao nosso redor, e a linguagem é parte deste mundo que nos cerca* (p. 202-203). Por isso, na fala dos pirrarã, em que há constantemente uma mistura de mundos (que nós separamos), estes mundos são mais importantes que os termos em si os processos sintáticos utilizados.

O livro como um todo é um *romance*. Ao mesmo tempo em que Everett vai apresentando a cultura dos pirrarã – com especial ênfase na linguagem – ele apresenta a sua vida entre eles e a vida deles em sua simplicidade. Dramas com as doenças tropicais dos familiares que quase morrem, tentativa de assassinato, adaptação na vida da selva amazônica etc. vão permeando a sua narrativa. Para um estudioso, evidentemente, faltam elementos de referência: não temos citação bibliográfica alguma, apesar de se perceber que o autor está familiarizado com as principais tendências teóricas da antropologia (etnologia). De vez em quando tem-se a sensação de se estar lidando com uma espécie de *Tales de Mileto*: um abridor de picadas de um campo. Mas isto não desmerece a riqueza das informações e o frescor do relato.

Em 1977, Everett com sua esposa e filhos, *caem meio de para-quedas* no meio do mar verde da Amazônia. São missionários a seu modo; não tanto para falar do Evangelho mas para viver como cristãos. Ele mesmo reconhece que a SIL – *Summer Institute of Linguistic* – não prega, não desenvolve atividades pastorais em si, mas faz isto indiretamente pela tradução da Bíblia, e especialmente o Novo Testamento, nas diversas línguas. Mas os pirrarã de algum modo intuam que a presença deles não seria *apenas* para estudar a sua língua e depois de uns quinze anos abriram o jogo. Um deles, Kóhoibihíai, num dia mais ou menos tranqüilo, sintetizou o pensamento do grupo. Disse que sabia que Everett, Keren e seus filhos eram americanos e que estavam ali para estudar a língua, mas que os pirrarã não queriam viver como americanos; que eles gostavam de beber, que eles gostavam de

viver com mais de uma mulher e assim por diante. Mas, *não queremos Jesus. Gostamos de você. Você pode ficar entre nós. Mas não queremos ouvir nada de Jesus. Ok?* (p. 264). Claro que isto não brotava do nada: muitos missionários antes de Everett passaram por ali e pirrarã mesmos, devido à tentativa de tradução do Evangelho, sabiam do pensamento religioso dos anfitriões.

Após este evento, Everett continuou o seu estudo e eles as suas vidas: pescas, consertar as canoas, caçar, cuidar da plantação de mandioca, das crianças, olhar os eventuais barcos que subiam e desciam o Maici. Mas ele reconhece que ficou meio atordoado: *Esta informação me chocou. E isto se apresentou para mim como uma clara escolha moral. Eu tinha ido até eles para falar-lhes de Jesus* (ainda que não diretamente) *e, na minha opinião naquele tempo, para dar a eles a oportunidade de escolher viver com sentido ou sem, escolher a vida e não a morte, escolher a alegria da fé e não o desespero e o medo, escolher o céu e não o inferno* (p. 264). Em resumo, seria possível viver sem religião ou os limites das religiões? Dentro do que Everett pôde descobrir os pirrarã vivem sem maiores problemas. Em resumo, os pirrarã *construíram a sua cultura em torno do que é útil para a sua sobrevivência. Eles não têm interesse por aquilo que eles não conhecem*. Muito menos por *narrativas* de pessoas com as quais não têm – ou não podem ter – contato seja em termos de presença, seja em termos de experiência compartilhada. Falar de Jesus ou de alguém a quem eles não vêem é simplesmente inútil.⁵

Por fim, este estilo de vida, levou certamente ao *religioso* Everett a se questionar e em resumo ele afirma: *Muito do que sou hoje, inclusive o meu ponto de vista não-teísta da vida e do mundo, devo, pelo menos em parte, aos pirrarã*. Em resumo, se alguém quiser *ensinar* algo para eles, provavelmente deva entrar no esquema de aprendizagem um tanto *discipular* dos mesmos e além do mais – e aqui está o grande desafio – transformar-se na palavra que irá falar. E isto tudo dentro de uma rede de elementos culturais complexa, cuja compreensão provavelmente dependerá de um tipo de consciência gerada por um estilo de vida fortemente marcada pela ausência do sono (traços alucinatorios).

José Luiz Cazarotto

⁵ Dentro do trabalho do SIL, uma das *provas da validade dos estudos* era a tradução de um livro do Novo Testamento na língua e a seguir era realizado um teste com os *nativos* para checar a correção. Entretanto, os que ouviam a narrativa gravada confundiam o 'Jesus' com o que estava lendo; com isto, o *portador* da voz de Jesus era tido como Jesus mesmo com *posteriores acidentes* na aldeia.